

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Votar ou Não Votar

Pág. 6

Advertências do Espírito de Profecia acerca do Dom de Línguas

Pág. 12

NOVO ANO

Mensagem do Presidente da Associação Portuguesa, Pastor António Baião



As minhas primeiras palavras dirigidas aos Prezados Irmãos da nossa Associação trazem o louvor e agradecimento que são devidos ao Senhor nosso Deus.

As segundas sintetizam o Programa que, com a ajuda do Senhor e a dedicada colaboração de todos os Irmãos, nos propomos realizar.

O momento é de acção. Por toda a parte, de Norte a Sul, do Atlântico ao Pacífico, pululam as inquietações e agitações políticas, aumenta o crime, cresce a iniquidade, os homens enganando e sendo enganados. E o amor esfria, cada vez mais, substituído pela indiferença e pelo ódio. O mundo respira uma atmosfera corrompida pela miséria moral destes nossos dias; e é nesta ambiência que, como igreja, temos de viver no meio do pecado e de pecadores.

Nos últimos instantes do chamado Ano Velho, repicaram os sinos anunciando o dealbar do Ano Novo; não foi o anúncio da entrada dos salvos na Nova Terra, onde já devíamos estar. Eis porque ainda lá não estamos: «Se todo o soldado de Cristo houvesse cumprido o seu dever, se todo o atalaia nos muros houvesse dado à trombeta um somido certo, — o mundo já poderia ter ouvido a mensagem de advertência. Mas a obra está com anos de atraso.» — Serviço Cristão, pág. 68.

Aqui estamos, de facto, ainda, neste mundo poluído, única e exclusivamente por nossa culpa. Todos nós, pastores, administradores, oficiais da igreja e membros, não temos dado o somido certo, isto é, «não cumprimos com o nosso dever» e, como resultado, «a obra está com anos de atraso».

Urge reaver o tempo perdido e cobrir o deficit que, de ano para ano, vai aumentando contra a igreja. Como reaver esse tempo e cobrir esse deficit?

(Continua na pág. 4)

ACÇÃO NOVA

SUMÁRIO

Novo Ano — Acção Nova
Feliz Ano Novo
Um Chamado para a Aventura
Votar ou Não Votar
Uma Grande Porta se abre para
a Obra Adventista em Portugal
Projecto para a Construção duma
Escola Secundária
Advertências do Espírito de Pro-
fecia acerca do Dom de Lín-
guas
Notícias do Campo
Breves Notícias da Divisão Euro-
-Africana

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

JANEIRO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 340

Director:
ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

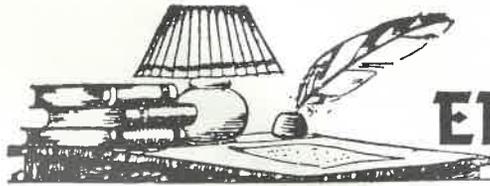
Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Preços a partir de Janeiro de 1975:

Assinatura Anual: 50\$00
Número avulso 5\$00
Estrangeiro 70\$00



Página
EDITORIAL

FELIZ ANO NOVO

«Feliz Ano Novo!» Quantas vezes já ouvimos e já repetimos nós mesmos este cumprimento! É uma preciosa saudação. Desejamos felicidade aos nossos amigos, e estes desejam-na a nós. Deus também quer que sejamos felizes no decorrer deste ano. Ele criou-nos para a felicidade e deseja conceder-nos a paz do céu.

Existem várias ideias de como podemos ser felizes. Quando soaram as vinte e quatro horas da última noite do ano, muitos gritaram: «Feliz Ano Novo», por entre o tilintar de copos cheios de vinhos efervescentes. É desta forma que muitas pessoas buscam a felicidade. Mas, embora milhões usem esse método, nem um só encontra aí o que procura. A razão é simples: quer o admitamos ou não, tudo na natureza é regido por leis. Desobediência a essas leis acarreta infelicidade. Obediência traz felicidade. Se, na realidade, desejamos ter um ano novo feliz, devemos procurar conhecer essas leis e obedecer-lhes.

Lin Yutang, o filósofo budista convertido ao cristianismo, escreveu que felicidade é tirar os sapatos num dia de Verão, depois duma caminhada pelos campos, e meter os pés na água fresca e cristalina de um ribeiro da montanha. Este filósofo confundia bem-estar com felicidade. Bem-estar é estar bem disposto porque ingerimos uma boa refeição, ou estamos sentados numa poltrona confortável, ou porque tudo corre bem à nossa volta, a vida, os negócios, ou porque temos saúde e não temos dores no fígado nem indigestão.

Felicidade é mais do que pão para a boca. É mais do que possuir coisas. Disse Jesus: «Acauteiai-vos e guardai-vos da avareza, porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui». O bem-estar depende do exterior, do tempo que faz, da maneira como nos tratam aqueles que nos rodeiam. A felicidade, ao contrário, é interior. Está dentro de nós. Depende duma certa atitude do espírito.

O que é a felicidade e como podemos ser felizes? Jesus, ao contrário do que se poderia esperar, considerou felizes os humildes de espírito, os que choram, os mansos, os misericordiosos, os limpos de coração. Disse Ele: «Felizes sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por Minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus».

A nossa felicidade depende da nossa relação com Aquele que nos criou e nos preserva. «Feliz o homem que confia no Senhor... e aquele cuja esperança está posta no Senhor seu Deus». «Feliz o homem que teme ao Senhor, que em Seus mandamentos tem grande prazer». «O que guarda a lei, esse é bem-aventurado». «Feliz o homem a quem o Senhor não imputa maldade, e em cujo espírito não há engano». «Bem-aventurado o que atende o pobre... e se compadece dos humildes».

A resposta da Bíblia à nossa pergunta sobre o que é a felicidade e como ser feliz é clara: felicidade é escolher servir a Deus e ao nosso semelhante.

Se até aqui temos procurado a felicidade na possessão de coisas exteriores, temo-la procurado onde não se encontra e não a acharemos. O Ano Novo é uma boa ocasião para tomar novas decisões, para encetar novos rumos. Porque não tomar a decisão de ser feliz? Porque não tornar real a saudação: «Feliz Ano Novo»? Isto é possível. Depende apenas da nossa relação com Deus e com os homens.

Vivemos em acções, não em anos.

Em pensamentos, não em horas. Em sentimentos, não no mostrador de um relógio.

Devemos contar o tempo pelo bater do coração.

Vive mais o que mais pensa, sente mais nobremente e age íntegra e honestamente.

Feliz Ano Novo!

A. Baião

Um Chamado

PARA A AVENTURA

3.782.000.000

Eis um número importante! Representa uma estimativa recente da população do nosso mundo. No momento em que ledes estas palavras, aquele colossal total está já desactualizado e aproxima-se da cifra dos quatro mil milhões.

Quatro biliões de pessoas — homens, mulheres, rapazes e meninas de toda a espécie de complexão, altura, idade, cor — e o Deus a quem adoramos ama-os a todos, «não querendo que alguns se percam.» No entanto, nem sequer um entre mil é adventista do sétimo dia, observando conscienciosamente os Seus mandamentos e preparando-se para o regresso do Seu Filho. Isto dá a cada adventista uma responsabilidade que inspira temor. Como podemos nós desempenhar-nos dela?

Dos quatro cantos da terra chegam oportunidades que apelam para a nossa mais enérgica resposta e reclamam o emprego dos nossos maiores recursos. No Sul da Índia, onde as conversões antes se faziam a um ritmo tão lento, numa única sessão de baptismos há hoje mais pessoas que se entregam a Jesus do que era hábito acontecer durante todo um ano. Na área do Zaire ocupada pela tribo Kasai, onde havíamos fechado a nossa estação missionária, há milhares a reclamar instrução, centenas já têm sido baptizados, mais de 2 500 outros frequentam as classes baptismais, provavelmente 10 000 terão aceite a fé à data da próxima sessão da Conferência Geral e estão a estabelecer-se novas igrejas tão depressa quanto é possível encontrar os meios e os obreiros necessários. Sabemos que nos esperam idênticas oportunidades noutros lados e que mais se nos abrirão inesperadamente. Estamos preparados para as aproveitar e fazer a prometida colheita?

A igreja, a nossa igreja, não deve perder estas oportunidades. Devíamos ao contrário procurar antecipá-las. «Ide pelos caminhos e pelos valados», ordena o nosso Mestre, «e forçai-os a entrar». É isto que, como servos fiéis, temos que fazer.

No seu concílio anual, na cidade do México, em Outubro de 1972, a igreja mundial decidiu que houvesse uma AVENTURA NA FÉ em conjugação com a

sessão da Conferência Geral em 1975, em Viena. Trata-se de um programa global para inspirar todos os nossos membros a fazer um esforço extraordinário no sentido de completar a tarefa que Deus lhe deu de levar o evangelho da salvação em Jesus Cristo a todos os cantos do nosso agitado e necessitado mundo. A insistência é em novos lugares — novos países, novos estados, novos distritos, novas cidades, novas aldeias, novas pessoas — áreas e pessoas ainda não alcançadas pela abençoada mensagem adventista. A igreja é chamada a reunir todos os seus recursos no maior impulso de todos os tempos para levar a salvação, e levá-la rapidamente, a todas as extremidades da terra.

Este esforço sem precedentes exige um envolvimento total de cada membro da igreja. Exige dedicação sem egoísmo, consagração do tempo, energias, serviço e oração. Exige dinheiro para financiar os esforços evangelísticos públicos e pessoais que hão-de iluminar os recantos ainda não penetrados do nosso mundo. Enquanto se esboçam planos nas nossas revistas e pelos nossos pastores no púlpito, confiamos em que os generosos e abnegados adventistas estarão à altura de tão ousado programa e fornecerão os meios que tornarão possível aos ministros e leigos atingir cada objectivo cuidadosamente planeado.

As aventuras são emocionantes! A mais emocionante de todas pode ser esta AVENTURA NA FÉ. Uni-vos comigo, queridos irmãos, e partilhai a santa emoção de conduzir almas a Jesus e prepará-las para o Reino dos Céus. Uni-vos comigo e com os meus companheiros dirigentes nesta que é a maior de todas as aventuras. Uni-vos conosco agora e partilhai depois a inspiração que fluirá, quando for recebida a oferta final, na sessão da Conferência Geral, em Julho deste ano.

Recordai o número — 3 782 000 000. Trabalhai e oferecei, por intermédio da nossa **Aventura na Fé**, afim de trazer muitas, muitas almas, de todos esses milhões, para o Reino de Deus.

Vosso nesta Aventura,

R. H. Pierson,

Presidente da Conferência Geral

Mensagem do Presidente da Associação Portuguesa

(Continuação da Primeira Página)

Evangelismo Total

A única esperança para a conclusão da Obra da Mensagem encontra-se na realização do Evangelismo Total. Assim o diz a serva do Senhor: «A obra de Deus nunca poderá ser finalizada enquanto os homens e mulheres que compõem a nossa igreja não cerrarem fileiras, e juntarem os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja.» — **Serviço Cristão**, pág. 68.

Eis o caminho que levará a igreja a uma breve vitória, apressando assim a volta do Salvador. Pastores, oficiais da igreja, todos os prezados Irmãos Leigos, sem excepção — todos nunca seremos demasiados — unidos, irmanados, entrelaçados com o amor divino e baptizados com o Espírito, concluiremos a tarefa.

Começemos desde já a cerrar fileiras para a nova **Ação 75 de Evangelismo Total** e aguardemos, também, os ataques do inimigo que não deixará de semear a cizânia do desentendimento entre os membros daquele trinómio, impedindo esta tríplice união.

Este Evangelismo Total não é novidade na vida da igreja. Basta recordar a actividade do apóstolo Paulo, cuja vida foi um exemplo desse Evangelismo. Enquanto Roma queimava os cristãos, Paulo queimava com o fogo do Evangelho o pecado que habitava no coração dos romanos. Disse alguém que nos dias da Igreja Apostólica o mundo era uma seara em fogo e que os corações eram aquecidos com a mensagem da salvação. Começando em Damasco, Paulo lança-se à conquista de um mundo pagão para Cristo. De Damasco foi a Pafos, Perge, Panfília, Antioquia, Jerusalém, Pisídia, Icónio, Listra, Síria, Sicília, através da Ásia Menor, sulcando o Mediterrâneo, Grécia, Itália, porventura a Espanha — num ímpeto irresistível de Evangelismo Total.

Lemos nos Actos (17:6) que os apóstolos alvo- roçaram o mundo! Um mundo alvoroçado pelo poder do Evangelho! Eis o Evangelismo Total, essa arma fulminante que convertia multidões.

Mas que é que impulsionava aqueles homens e mulheres dos primeiros tempos a lançarem-se na Acção de Evangelismo Total?

A Maior e Mais Urgente Necessidade

Para que haja Evangelismo Total é necessário que haja **Entrega Total**. Foi este o segredo da Igreja Primitiva: Entrega total de todo o ser, de tudo o que tinham, daquilo que eram, ao serviço de Deus. Recordemos este passo dos Actos 2:44: «Todos os que criam, estavam unidos, e tinham tudo em comum» — **Entrega Total**.

Eis, pois, a maior e mais urgente necessidade da Igreja, hoje: Uma **Entrega Completa**, de todo o nosso ser, daquilo que temos e daquilo que somos, ao serviço de Deus.

Uma **Entrega Total** de nós mesmos é o passo mais difícil de darmos; mas constitui o único caminho certo para o êxito, para a vitória, para apressar a volta gloriosa de Jesus.

Notemos as impressionantes palavras da irmã White, em **Serviço Cristão**, pág. 89: «É um mistério que não haja centenas de pessoas trabalhando onde hoje vemos apenas uma». É realmente triste pensar no tempo que a igreja perdeu, adormecendo como os tosquenejadores das parábolas. «Os anjos celestes têm esperado, longamente, pelos agentes humanos» — adverte ainda a serva do Senhor. Os anjos, de facto, têm esperado, também, por cada um de nós, prezados Irmãos. Oh! Que Deus acenda nos nossos corações aquele fogo divino que transformou os apóstolos em arautos do Evangelismo Total, porque fizeram a Deus a Entrega Total de si mesmos.

Condição Indispensável para a Entrega Total

Desde o segundo versículo da Bíblia até um dos últimos versículos na mesma, se destaca uma Personagem importantíssima, como algo imprescindível para o crescimento, manutenção e fortalecimento da Igreja de Deus. Esta Personagem

divina é o Espírito Santo. O Antigo Testamento está repleto de louvores e encômios ao Espírito Santo. Os Salmos e os Profetas exaltam-n'O e louvam-n'O. Jesus iniciou o Seu ministério «no poder do Espírito» (Lucas 4:14). Deixou-nos Jesus a tranquilizadora promessa: «Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador; a fim de que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê, nem O conhece; vós O conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós» (João 14:16, 17). O discernimento das coisas de Deus, segundo o apóstolo Paulo, só pode ocorrer por intermédio do Espírito Santo: «Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito, porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus» (I Cor. 2:10).

Falando à última igreja — Laodiceia — que nos representa a nós, o povo remanescente de Deus, declara a Testemunha Verdadeira: «Aconselho-te que de Mim compres ouro refinado pelo fogo ... e colírio para que unjas os teus olhos, a fim de que vejas» (Apoc. 3:18). «Isto mostra aos iludidos laodicenses os objectos que lhes faltam. Mostra, também, que podem obter aquilo de que tanto carecem e apresenta-lhes a necessidade de o obterem sem demora. O caso é tão urgente, que o nosso Advogado na corte celeste nos envia um conselho especial sobre este ponto ... O colírio deve significar aquilo com que é despertado o nosso discernimento espiritual. Na Palavra de Deus só encontramos revelado um agente por meio do qual isto se realiza — o Espírito Santo». — **As Profecias do Apocalipse**, págs. 55 e 57.

ACÇÃO 75

Abre-se diante de nós mais um novo ano que Deus nos concede para podermos reaver o tempo que até agora foi descurado.

Acção 75 implica Evangelismo Total e este, por sua vez, exige, como vimos, a nossa Entrega Total.

São muitas as razões por que devemos dinamizar a Acção 75 no seu Evangelismo Total. Basta enumerar sumariamente as seguintes: o movimento ecuménico que atenuou a intolerância reli-

giosa tradicional; a actual situação portuguesa que, sob o signo da Democracia e da Liberdade, nos permite desenvolver plenamente o Evangelismo Total; as controvérsias políticas, as crises económicas, a perplexidade geral em busca de uma solução satisfatória; os sinais da Volta iminente de Jesus, que se estão realizando nos nossos dias — a única resposta capaz de satisfazer os anseios das almas nesta hora de angústia e incerteza.

«Ai de mim, se não anunciar o Evangelho» — escrevia o apóstolo Paulo na sua primeira carta aos Coríntios, 9:16.

Na **Acção 75** deve ter lugar primordial a «Voz da Esperança», esse admirável auxiliar do Evangelismo.

Podemos afirmar que o sistema do Evangelismo ligado à Voz da Esperança é o caminho do êxito, o meio seguro, o método por excelência para atingir as almas. Basta recordar que estes maravilhosos auxiliares entram subtil e delicadamente no lar, sem convite prévio, sem serem mesmo conhecidos e, pela graça de Deus, podem depositar a boa semente que um dia poderá germinar para a salvação eterna. Mas este admirável sistema do binómio Evangelismo e Voz da Esperança tem de ser realizado, judiciosamente, com a devida propaganda, dando «o sonido certo» e no tempo oportuno.

Em Portugal e na França temos emissões da Rádio Mundial Adventista que lançam por essa Europa fora a Mensagem do Advento em mais de quinze línguas diferentes, numa magnífica cooperação adentro dos planos do Evangelismo Total.

Prezados Irmãos! Vamos entrar no Novo Ano com a mente devidamente esclarecida e com o fogo no coração para desencadearmos uma abençoada e frutuosa Acção 75 largamente espraçada no Evangelismo Total.

Deus conta connosco, sem excepção, pois todos temos o nosso lugar bem marcado para soltarmos pelos espaços fora «o sonido certo» da nosso trombeta, para que muitas almas venham ao conhecimento da Verdade da Mensagem do Advento.

Que Deus nos abençoe no Evangelismo Total da Acção 75.

A. Baião

ACÇÃO NOVA

A. Gordon

VOTAR OU NÃO VOTAR



PRIMEIRA PARTE



Por conter matéria de interesse actual para os nossos crentes portugueses, transcreve-se o presente artigo, da autoria de PAUL A. GORDON, secretário-assistente do Património de Ellen G. White, publicado na *Review and Herald*, órgão geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a 12 e 19 de Setembro de 1968.

A segunda parte deste mesmo artigo aparecerá já no próximo número da *Revista Adventista* do mês de Fevereiro.



Em que medida devem os adventistas do sétimo dia envolver-se em questões políticas? É nosso dever fazer propaganda de um partido ou pessoa? Devemos tomar posição frente aos problemas sociais dos nossos dias? Devemos ou não votar?

Para responder a estas perguntas, demos um relance sobre a nossa posição presente em relação com a política e o voto.

Nos anos imediatamente a seguir ao desapontamento de 1844, os adventistas do sétimo dia eram relutantes em participar em qualquer actividade ligada à governação civil, quer fosse por ocupação de cargos públicos, quer pelo uso dos direitos de voto. Opunham-se ainda mais fortemente à política e ao espírito que normalmente acompanha uma campanha eleitoral. Estas convicções reflectem-se em artigos e editoriais que apareceram na *Review and Herald* nos primeiros tempos. Um escritor, David Hewett, membro firme e ponderado da congregação de Battle Creek, fez uma pergunta em 1856 — sete anos antes de a nossa igreja ter sido oficialmente organizada: «Meus irmãos, devemos nós gastar o nosso tempo em campanhas políticas..., quando esperamos que Jesus venha tão brevemente em toda a glória do Seu Pai, e todos os santos anjos com Ele, para nos sentarmos no trono da Sua glória?» — *Review and Herald*, 11 de Setembro de 1856.

Uriah Smith, então director da *Review*, nesse mesmo número — como se respondesse à pergunta — declarava que a posição dos adventistas do sétimo dia era de «neutralidade na política», recusando o nosso povo «tomar parte numa luta tão excitante como a que agita agora esta nação.» Concluía o seu editorial declarando:

«À pergunta, porque não trabalhamos nós, com os nossos votos e influência, contra as más tendências do nosso tempo, respondemos que a nossa visão da profecia nos leva a concluir que as coisas não melhorarão. ... E sentimos ser o nosso dever limitar os nossos esforços à nossa preparação e de outras pessoas, tanto quanto esteja em nós, para o grande e final acontecimento que já se apressa — a revelação do Filho do homem desde o céu, a destruição de todos os governos terrenos, o estabelecimento do reino glorioso, universal e eterno do Rei dos reis, e a redenção e libertação de todos os Seus súbditos.» — *Ibid.*, 11 de Setembro de 1856.

Continuaram a ouvir-se argumentos para a recusa ao voto. No mesmo ano R. F. Cottrell, obreiro na parte oriental de Nova Iorque, declarava que os Estados Unidos estavam «na véspera duma contestação política» que haveria de «resultar finalmente na formação da imagem» profetizada em Apocalipse 13:11. Dizia ele:

«Nestas circunstâncias, no caso de eu dar o meu voto, ele será... a favor, ou contra a formação da imagem. Se eu votar a favor da formação da imagem, ajudarei a criar uma abominação que perseguirá os santos de Deus... Por outro lado, se votar contra essa obra, votarei contra

o cumprimento da profecia ... Portanto, não posso mesmo votar.» — *Ibid.*, 30 de Outubro de 1856.

A política americana no tempo em que ele escrevia encontrava-se numa condição tragicamente baixa. A luz deste facto, as suas conclusões afirmativas são interessantes: «Não posso votar por um homem mau, porque isso é contra os meus princípios; e no actual estado corrupto e corruptor da política, eu não desejaria eleger um homem bom, porque ele se arruinaria.» — *Ibid.*

Que muitos adventistas objectavam contra a simples votação, vê-se bem noutra artigo que apareceu no ano seguinte:

«Se eu me inscrever nas listas como eleitor, estarei de facto apoiando este governo como digno de solidariedade. Se o meu nome for incluído no registo eleitoral, torno-me então parte do corpo político e devo sofrer com o corpo político em todas as suas penalidades.» — *Ibid.*, 23 de Abril de 1857.

Parece claro que até essa altura da história adventista, havia não só um forte sentimento contra quaisquer ligações políticas e tudo quanto pudessem implicar, mas também contra qualquer uso do direito de voto.

Eram porém em grande medida as circunstâncias nacionais que estavam em causa nos mencionados artigos. Uma eleição local em Battle Creek em 1859 foi motivo para os adventistas reconsiderarem as suas responsabilidades como cidadãos numa comunidade. Foram forçados a tomar uma posição mais definida em face do problema de votar. Que deveriam eles fazer? Ellen White, que se encontrava presente numa reunião em que dirigentes adventistas discutiram este assunto, fez o seguinte apontamento no seu diário:

«Assisti à reunião ao anoitecer. Tivemos uma reunião franca, interessante. À hora de terminar, a questão de votar foi considerada demoradamente. Tiago falou primeiro, depois o irmão Andrews, e foi por eles considerado melhor pôr sua influência a favor do direito e contra o erro. Acham ser justo votar a favor dos homens da temperança que ocupam lugares oficiais em nossa cidade em vez de, por seu silêncio, correrem o risco de verem os intemperantes ocuparem os postos. O irmão Hewet conta sua experiência de alguns dias antes, e acha que é direito dar o seu voto. O irmão Hart fala a favor. O irmão Lyon opõe-se. Ninguém mais faz objecção, mas o irmão Kellogg começa a achar que é direito. Há entre todos os irmãos sentimentos cordiais. Oh, que todos procedam no temor de Deus!

«Homens favoráveis à intemperança estiveram no escritório hoje, exprimindo lisonjeiramente sua aprovação à atitude de observadores do sábado que não votavam, e exprimiram esperanças de que eles ficassem firmes a sua orientação e, como os **quakers**, não dessem seu voto. Satanás e seus anjos maus estão atarefados neste tempo, e ele tem obreiros na Terra. Oxalá seja ele decep-

cionado, é a minha oração.» — Citado em **Temperança**, págs. 255, 256.

Esta experiência parece ter sido um ponto de viragem para a igreja, acerca deste assunto. Os adventistas do sétimo dia a partir dessa altura não hesitavam geralmente em registar o seu voto pela temperança, a lei seca e outros assuntos relacionados. Cerca de um ano depois desta experiência em Battle Creek, James White, como director da **Review**, escreveu:

«A excitação política de 1860 manter-se-á provavelmente no mesmo grau de intensidade durante muitos anos, e queremos advertir os nossos irmãos a não serem arrastados por ela. Não estamos preparados para provar pela Bíblia que seria errado para um crente na terceira mensagem (angélica) ir, duma maneira adequada à sua profissão, e dar o seu voto. Não recomendamos isso, nem tão-pouco nos opomos. Se um irmão prefere votar, não podemos condená-lo, e queremos a mesma liberdade se o não fizermos.

Um Perigo Envolvido

«Mas acreditamos que aquele que entra no espírito da disputa que se aproxima, perde o espírito da verdade presente e põe em perigo a sua alma.» — **Review and Herald**, 21 de Agosto de 1860.

É evidente que alguns adventistas votaram nessas eleições, pois dois anos mais tarde James White escreveu:

«Aqueles que do nosso povo chegaram a votar na última eleição presidencial, votaram todos por Abraão Lincoln. Não conhecemos nenhum homem entre os adventistas do sétimo dia que tenha a mínima simpatia pela secessão.» — *Ibid.*, 12 de Agosto de 1862.

Quando Abraão Lincoln foi eleito presidente, onze estados do Sul separaram-se da União e a América mergulhou na guerra civil. Pouco tempo depois, em 21 de Maio de 1863, a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia foi formalmente organizada. O país estava então a meio do período que durou a guerra.

A terceira sessão anual da Conferência Geral que se reuniu em Battle Creek, em 17 de Maio de 1865, destinava-se a fazer história no que respeita a questão de votar. Nos delegados estavam incluídos eminentes dirigentes adventistas como J. N. Andrews, Uriah Smith, M. E. Cornell, J. N. Loughborough, J. H. Waggoner, Joseph Bates e I. D. Van Horn. Também lá estavam James e Ellen White, e ambos falaram aos delegados ali reunidos. O relatório daquela sessão declara que J. N. Andrews falou numa reunião a uma multidão de quase 1000 pessoas, e que «este é provavelmente o maior grupo de observadores do sábado que se reuniu em assembleia nos últimos mil e quinhentos anos.»

Um importante ponto da agenda da sessão foi a escolha de oficiais. James White foi eleito pre-

sidente da Conferência Geral; Uriah Smith, secretário; e I. D. Van Horn, tesoureiro.

Adoptaram algumas significativas resoluções. Uma exprimia tristeza pelo assassinato de Abraão Loncoln. Outra reafirmava a posição de não combatentes na guerra, com um reconhecimento de responsabilidade perante o governo em «tributo, costume, honra e reverência ao poder civil, como ordena o Novo Testamento». Uma terceira envolvia o assunto de votar. Lembrando que James e Ellen White estavam presentes e participaram activamente nos trabalhos da assembleia, notamos esta resolução:

«**Resolvido:** Que, na nossa opinião, o acto de votar, quando exercido em favor da justiça, humanidade, e direito, é em si mesmo irrepreensível e pode ser algumas vezes altamente oportuno; mas que o dar qualquer voto que fortaleça a causa de tais crimes como a intemperança, insurreição, e escravatura, nós consideramos como altamente criminoso aos olhos do Céu. Porém desaprovamos qualquer participação no espírito da luta de partidos.» — *Ibid.*, 23 de Maio de 1865.

Esta resolução básica, juntamente com conselhos de apoio da pena de Ellen G. White, tem continuado a ser uma orientação para a igreja durante mais de cem anos. Note-se a clara distinção que é feita entre o exercício do direito de voto e a «participação no espírito da luta de partidos». Esta resolução foi reafirmada como posição da nossa igreja no ano seguinte. Até hoje não foi alterada.

É notável o facto de esta posição ter sido estabelecida tão no início da história da nossa igreja. Aqueles que desde então têm escrito para esclarecer a nossa doutrina sobre este assunto têm usado esta resolução como uma declaração de princípio que continua a ter validade. Escrevendo alguns anos mais tarde, Joseph Clarke, um leigo residente em Ohio que colaborava frequentemente na *Review*, disse:

«Devemos imiscuir-nos em política? Não, se temos que misturar-nos com a barulhenta multidão e gritar aplausos ao pobre, débil ser humano que deve ser elevado ao pináculo do poder. Não, se temos que dar circulação às notícias tendenciosas e difamadoras que cobrem de nuvens e nevoeiros a atmosfera política. Mas podemos depositar calmamente na urna o nosso voto a favor da liberdade, e dar da mesma maneira calma uma razão para isso.» — *Ibid.*, 14 de Dezembro de 1876.

Falando da campanha política que se aproximava em 1880, num dos seus últimos editoriais, James White disse:

«Nós como povo, como adventistas, temos na nossa frente um assunto de todo absorvente, e um trabalho da maior importância, do qual a nossa mente não deve ser distraída...

«É nosso dever adaptar-nos, tanto quanto possível e sem comprometer a verdade, a todos os que venham a estar ao alcance da nossa influência, e ao mesmo tempo manter-nos livres da luta

e das corrupções dos partidos que se disputam pelo domínio.» — *Ibid.*, 11 de Março de 1880.

Apenas um mês antes da morte de James White, os adventistas do sétimo dia estavam reunidos para um congresso em Des Moines, Iowa. Foi proposta aos delegados uma resolução, no teor seguinte:

«**Resolvido:** Que expressemos nosso profundo interesse no movimento pró-temperança ora em andamento neste Estado; e que instruíamos todos os nossos ministros a usarem sua influência entre nossas igrejas e junto ao povo em geral para induzi-los a envidar todo o esforço coerente, pelo trabalho individual e na urna eleitoral, em favor da emenda proibitória à Constituição, a qual os amigos da temperança estão procurando conseguir.

«Alguns, porém, objectaram à cláusula que pedia acção à 'urna eleitoral' e insistiam em sua supressão. A Sr.^a White, que assistia à reunião campal, retirara-se, mas foi chamada a dar o seu conselho.

«Escrevendo sobre isso naquele tempo, diz ela: 'Preparei-me e achei que devia falar sobre o assunto se nosso povo devia votar pela proibição. Disse-lhes: 'Sim', e falei por vinte minutos.'» — Citado em *Temperança*, pág. 255.

Ellen White nunca modificou a sua posição. Num artigo escrito para a *Review* apenas um ano antes da sua morte, ela voltou a dar ênfase à responsabilidade de cada cidadão exercer toda a influência dentro da sua possibilidade, incluindo o voto, para trabalhar pela temperança e pela virtude:

«Ao passo que não nos devemos de maneira alguma envolver em questões políticas, é contudo nosso privilégio tomar decididamente posição em todas as questões relativas à reforma pró-temperança.» ...

«'Há uma causa para a paralisia moral que há na sociedade. Nossas leis mantêm um mal que está minando seus próprios fundamentos. Muitos deploram os erros que sabem existir, mas consideram-se isentos de qualquer responsabilidade na questão. Não pode ser assim. Todo o indivíduo exerce uma influência na sociedade. Em nossa terra favorecida, todo o votante tem alguma voz no determinar que leis hão-de reger a nação. Não devem essa influência e esse voto ser lançados ao lado da temperança e da virtude?...» — *Review and Herald*, 15 de Outubro de 1914.

Três conclusões parecem claras no nosso exame histórico:

1. Devemos sempre votar «ao lado da temperança e da virtude.»

2. A decisão de votar por candidatos deve ser uma decisão pessoal, e, no caso de se votar, «mantendo secreto o vosso voto. Não acheis ser vosso dever insistir com todo o mundo para fazer como fazeis.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, pág. 337.

3. Devemos manter-nos livres de disputa e corrupção política.

UMA GRANDE PORTA

se abre para a Obra Adventista em Portugal

Uma grande oportunidade que, se devidamente aproveitada, poderá transformar em realidade o sonho desejado pela igreja, desde os dias dos nossos pioneiros: a Escola Secundária Adventista Portuguesa, a mais urgente e importante providência em prol da nossa juventude!

Será mesmo possível? Sim, realmente está diante de nós a oportunidade que por muitos e muitos anos se desejou!

Mas ... — dirá alguém — e o dinheiro? Um empreendimento desta natureza não se faz com palavras! Onde está o dinheiro?

Bem, a grande oportunidade a que nos referimos é justamente a possibilidade que temos de conseguir boa parte do dinheiro que necessitamos para esse fim. Cremos que será para todos os nossos queridos irmãos uma notícia muito agradável saber que, a pedido da União Sul-Europeia, a Divisão Euro-Africana atribuiu a Portugal uma dotação especial que será equivalente em dinheiro à importância dos fundos da Campanha das Missões de 1975, não somente dos fundos do nosso próprio campo, como também de todos os campos da nossa União, e que estes mesmos campos, Espanha, Itália, Grécia, Israel, Cabo Verde e Guiné, no desejo de dar uma ajuda substancial para que Portugal possa ter a sua escola, voluntariamente duplicaram os seus alvos e estão pedindo às suas igrejas para que se esforcem, a fim de que façam mais do que a si mesmos se propuseram.

Diante deste facto auspicioso, o conselho administrativo da nossa Associação votou que o nosso alvo anual fosse também duplicado, e lança um veemente apelo a cada obreiro, a cada oficial de igreja e a cada membro em particular, para que todos nós nos esforcemos e trabalhemos para

que o alvo proposto seja alcançado e ultrapassado. Para tanto, é necessário que haja em cada coração um espírito voluntário e um grande desejo de servir a Causa de Deus.

Confiados no Senhor e em que Ele nos dará esse espírito voluntário para levar avante, com resolução, a Sua obra, estamos tomando todas as providências para oferecer a cada um a oportunidade de uma participação feliz nesta grande campanha: 120 mil exemplares da Revista das Missões estão a sair do prelo! Envelopes, para que cada pessoa receba o seu material e o alvo individual, estão a ser enviados às igrejas. Instruções, para facilitar o trabalho, chegarão a tempo às mãos de todos, para que os de menos experiência possam estar preparados para enfrentar as pessoas.

Tudo, realmente, está a ser preparado. Preparemos também, irmãos, o nosso coração!

Cremos que chegou o momento de saber quanto desejamos realmente ter esta escola, e quanto somos unidos para levar a bom termo um grande empreendimento! Faremos menos que os outros campos vão fazer em nosso favor? Aproveitaremos esta maravilhosa oportunidade que nos oferecem, ou, como os Israelitas, ficaremos amedrontados diante dos gigantes de papelão que o inimigo fará surgir em nossas mentes?

Irmãos, unamos as nossas forças e, como um só homem, realizemos com coragem e determinação a obra que está diante de nós. O Senhor fará maravilhas no nosso meio! Não permitamos que a má vontade, o temor e outras razões tão humanas, se apoderem de nós, pois a igreja precisa da participação de cada um para a realização deste grande ideal.

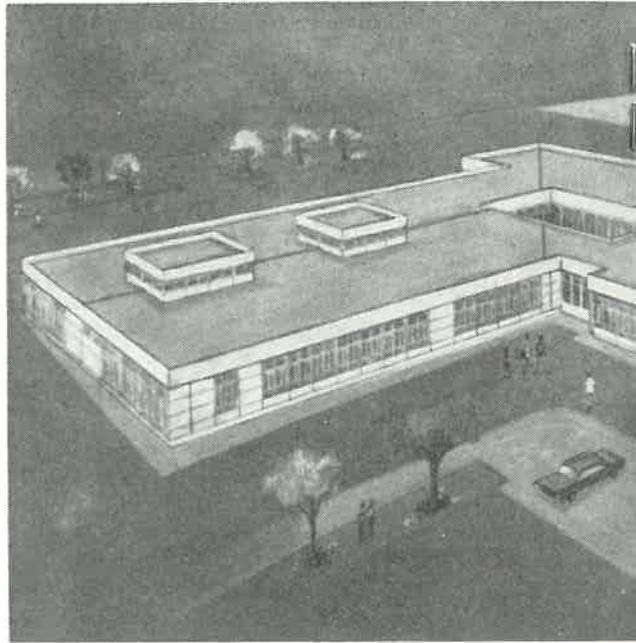
B. Raymundo

PROJECTO PARA DUMA ESCOLA

A Igreja Adventista em Portugal sofre há longos anos devido à falta do programa de educação cristã para os seus jovens, que devia começar para todos nas escolas primárias de igreja, prosseguindo na escola secundária e depois no seminário teológico, para aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos bíblicos ou prepararem-se como obreiros para a Causa de Deus.

Apesar das constantes tentativas da nossa Igreja, por intermédio dos seus dirigentes e secretários do Departamento de Educação, homens convencidos do valor e necessidade da educação cristã, o sistema de educação em Portugal e as leis vigentes até há bem pouco tempo não permitiram o desenvolvimento deste sector tão importante para o bem dos nossos jovens e fortalecimento da nossa Igreja. As condições hoje são bem diferentes e, felizmente, deparam-se outras possibilidades que são já factos concretos nas áreas de escolas primárias e do Seminário Teológico. Podemos abrir escolas primárias de igreja no sistema da coeducação, que devem constituir a base do nosso programa educacional. Além da escola de igreja de Lisboa Central, uma nova escola funciona no seu segundo ano em Oliveira do Douro, devendo transitar no próximo ano lectivo para o novo edifício que cresce com imponência. Entre outras igrejas, Coimbra está preparando todas as coisas para ter a sua escola primária a funcionar no ano lectivo 1975/76. As escolas primárias de igreja, em Portugal, são um facto, onde os nossos filhos, não só aprendem as primeiras letras, mas também, e sobretudo, aprendem a amar o seu Salvador e dar-Lhe o seu coração para sempre. Quanto à escola de formação teológica, dispomos do Seminário Luso-Espanhol de Sagunto, com boas instalações e um óptimo grupo de professores, agora enriquecido com a presença dum professor português — o melhor que possuíamos. A base e a cúpula da educação cristã adventista estão atendidas e em vias de pleno desenvolvimento, mas falta o elo central na cadeia deste programa de educação — **A Escola Secundária Adventista em Portugal.**

Este é o momento da grande oportunidade e da grande necessidade. Oportunidade porque estamos vivendo momento inéditos no nosso país, mas também necessidade porque a abertura e a liberdade que se implanta arrastam consigo a poluição moral em todos os meios e muito particularmente nas escolas. Exemplo bem frisante é



Antevisão do que poderá ser a escola

o de ter sido autorizado numa escola, aos alunos com cerca de doze anos, que eles próprios fizessem uma votação para decidirem se poderiam fumar durante as aulas. Ali se encontrava uma jovem adventista de doze anos que votou um dos dois únicos votos contra.

Conforta-nos sentir que, tanto na Divisão como na União e nas suas várias Federações e Missões, todos estamos conscientes desta premente necessidade. Expressamos o nosso reconhecimento à União Sul-Europeia por ter providenciado, junto da Divisão, para que uma importância igual ao total alcançado na campanha das missões, em todos os campos da nossa União, seja concedida à Associação Portuguesa, para a construção da Escola Secundária em Portugal. Com esta decisão tão oportuna da U. S. E. e o trabalho dedicado de todos os nossos queridos irmãos de Espanha, Itália, Grécia, Israel, Cabo Verde e Portugal, podemos traçar planos e elaborar o seguinte projecto, por fases, da tão desejada Escola Secundária em Portugal: o primeiro passo é, com os fundos locais,

A CONSTRUÇÃO A SECUNDÁRIA

IAS



a portuguesa (Desenho da SOREFAME)

comprar o terreno para a Escola, que uma comissão nomeada para o efeito está activamente procurando na zona recomendada, ou seja arredores do Porto; o segundo passo será, com a dotação especial recebida em 1975 e o montante alcançado na campanha das missões em todos os campos da União Sul-Europeia, que contamos não ser inferior a Esc. 4 000 000\$00, construir, numa primeira fase, um externato com várias salas de aulas, um edifício para administração, um ginásio e uma casa para o director. É nosso plano fazer uma construção de um só piso, num estilo sólido e elegante, mas não dispendioso. Além dos alunos externos, jovens das igrejas circunvizinhas — Porto, Oliv. do Douro, Avintes, Canelas, Espinho e Vila do Conde, que poderão ser ajudados no problema do transporte com o uso duma carinha — deverá haver jovens doutras igrejas de Portugal, existindo para o efeito o plano da construção, numa fase seguinte, primeiro, dum pequeno internato para rapazes e depois outro para as meninas, assim como algumas casas para pro-

fessores. Trata-se, portanto, duma escola secundária para todo o país.

Reconhecemos ser um plano fabuloso e até sobre-humano, mas será realizável porque o Senhor estará ao nosso lado. Em Portugal estamos decididos, com a ajuda de Deus, a duplicar o nosso alvo da Campanha das Missões de 1974. Sabemos que os nossos irmãos de toda a União Sul-Europeia planejaram em grande e estão decididos também a fazer um esforço redobrado a favor de Portugal. Somos um povo unido, irmanado na mesma fé, na mesma esperança e no mesmo ideal que se expressa através do serviço. Foi com alegria que colaborámos com os nossos irmãos espanhóis na Semana de Extensão Missionária para Sagunto; será com regozijo que colaboraremos em breve com os nossos irmãos italianos num futuro décimo terceiro Sábado para Florença.

Dizemos assim «Muchas Gracias» aos irmãos da Espanha, «Grazie Tante» aos irmãos da Itália, «Efcharisto Poli» aos irmãos da Grécia, «Toda Raba» aos irmãos de Israel, «Muito Obrigado» aos irmãos de Cabo Verde e de Portugal e Muito Obrigado, Senhor, por este amor e espírito de serviço, só possível entre irmãos. Muito Obrigado, também, Senhor, pela possibilidade que nos estás oferecendo, de ter uma escola onde os nossos jovens, encontrando um refúgio neste mundo mau, confirmarão a sua fé e se prepararão para pregar e abreviar a Tua vinda.



«Não há obra mais importante do que a educação dos nossos jovens. Folgo de que tenhamos instituições em que eles podem estar separados das influências corruptoras tão comuns nas escolas da actualidade. Nossos irmãos e irmãs devem ser gratos porque, na providência de Deus, foram estabelecidos os nossos colégios, e devem estar prontos para os sustentar com seus meios. Toda a influência deve ser encaminhada a educar os jovens, e elevar a sua moral. Devem eles ser ensinados a ter coragem para resistir à onda da contaminação moral desta era degenerada. Com firme apego ao poder divino, podem eles estar na sociedade para amoldá-la e dar-lhe forma, em vez de serem moldados segundo o modelo mundano.» — E. G. White.

Advertências

do Espírito

de Profecia

acerca do

DOM

DE

LÍNGUAS

Por Jean Zurcher

Continuação da série de artigos sobre o Movimento Carismático, que desde Junho de 1974 a Revista Adventista vem publicando, da autoria do Dr. Jean Zurcher, secretário da Divisão Euro-Africana.

Depois de examinar em pormenor todos os textos do Novo Testamento referentes ao dom de línguas, consideraremos agora os ensinamentos do Espírito de Profecia sobre este assunto. Como já apontámos — em parte, pelo menos — esses ensinamentos não só confirmam a nossa interpretação dos diferentes textos bíblicos que estudámos, mas também nos permitem compreender o sentido e a importância das manifestações extáticas popularizadas nos nossos dias pelo Movimento Carismático.

Luz sobre um Problema Díficil

Não vamos reconsiderar os comentários de Ellen White sobre Marcos 16:17, Actos 2:4 e 19:6 (contidos em **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 608 e em **Actos dos Apóstolos**, págs. 39, 40, 283), os quais foram citados na altura em que fizemos o estudo desses textos. Recordemos simplesmente que em cada uma dessas passagens o dom de línguas é considerado como um dom de falar em línguas estrangeiras, seja como consequência dum derramamento milagroso do Espírito de Deus, como no Pentecostes, seja pelo exercício natural do dom de falar em diversas línguas, como foi provavelmente o caso em Cesaréia, Éfeso e Corinto.

Na realidade, de acordo com a Irmã White, o dom de línguas não requer forçosamente uma manifestação miraculosa do género da que teve lugar no Pentecostes; pode manifestar-se de modo natural, o que é igualmente verdade com os outros dons do Espírito. Isto exemplifica-se com os dons de curar, de socorrer e de administrar, dons especificados por Paulo antes de mencionar o de falar em diversas línguas (I Cor. 12:28). A Irmã White explica o assunto deste modo: Há entre nós aqueles que, sem a dificuldade e a demora requeridas para aprender uma língua estrangeira, se podem qualificar para proclamar a verdade a outras nações. Na igreja primitiva, missionários foram **miraculosamente** dotados com um conhecimento das línguas nas quais eram chamados a pregar as inescrutáveis riquezas de Cristo. E se Deus se dispôs desse modo a ajudar os Seus servos então, poderemos nós duvidar de que a Sua bênção repouse sobre os nossos esforços para qualificar aqueles que **naturalmente** pos-

suem um conhecimento de línguas estrangeiras e que, com encorajamento apropriado, levariam aos seus compatriotas a mensagem da verdade?» — **Testimonies**, Vol. 5, pág. 391.

É este o ponto que tem sido geralmente negligenciado — ou ignorado — pelos que procuram compreender exactamente o que seja o dom de línguas. Quase invariavelmente se pensa em primeiro lugar no dom de falar miraculosamente «noutras línguas» sem as haver aprendido, ou de falar extaticamente numa «língua desconhecida». Na realidade, uma das características dos dons do Espírito é que as suas manifestações são quase sempre naturais, muito raramente miraculosas. Os dons do Espírito reconhecem-se pelos seus frutos, pelo seu serviço à igreja. É este o grande princípio estabelecido por Paulo em I Coríntios 12, 13 e 14, para julgar os dons em geral e o dom de línguas em particular. E este é também o princípio aplicado pela Irmã White nos seus diferentes comentários a esses capítulos.

Referindo-se a I Cor. 14:14-16, escreveu ela: «Vi que todos devem cantar com o Espírito e com o entendimento também. Deus não Se agrada de algaravia e desarmonia. O certo é-Lhe sempre mais aprazível que o errado. E quanto mais perto puder chegar o povo de Deus do canto correcto, harmonioso, tanto mais será Ele glorificado, a igreja beneficiada e os incrédulos impressionados favoravelmente.» — **Testemunhos Selectos**, Vol. I, pág. 45.

Em **Conselhos aos Professores** encontramos uma aplicação dos princípios delineados em I Cor. 14:7-19: «O princípio apresentado por Paulo com referência ao dom de línguas é igualmente aplicável ao uso da voz na reunião de oração, ou social ... Em todos os nossos serviços religiosos, devemos buscar conduzir-nos de maneira a edificar os outros, trabalhando o quanto esteja ao nosso alcance para a perfeição da igreja.» — págs. 219, 218.

Noutra passagem, a Irmã White aplica directamente alguns dos pensamentos contidos em I Cor. 14:22-25 à maneira errada de falar em línguas, praticada por certos adventistas do seu tempo. Ela escreve: «Alguns se regozijam e exultam em possuir os dons que os outros não têm. Que Deus guarde Seu povo de tais dons. Que fazem esses dons em benefício deles? São eles, mediante o exercício desses dons, levados à unidade da fé? E convencem os descrentes de que Deus está em verdade com eles? Quando esses dissidentes, sustentando suas várias ideias, se reúnem e há considerável agitação, e língua desconhecida, fazem sua luz brilhar de tal modo, que os descrentes dizem: Esta gente não está em seu juízo; são levados por um falso excitação, e conhecemos que não possuem a verdade.» — **Testemunhos Selectos**, Vol. I, págs. 167, 168.

Finalmente, em diversas ocasiões a Irmã White aplicou a expressão «língua desconhecida» — como se encontra em I Coríntios 14 na versão do Rei Tiago [«língua estranha» na versão portuguesa de Almeida] para traduzir a expressão «falar em língua» no singular — àqueles que no seu tempo falavam em línguas extáticas. «Alguas dessas pessoas têm formas de culto a que chamam dons, e dizem que o Senhor os pôs na igreja. Têm uma algaravia sem sentido a que chamam língua desconhecida, desconhecida não só ao homem, mas ao Senhor e a todo o Céu. Tais dons são manufacturados por homens e mulheres ajudados pelo grande enganador.» — **Testemunhos Selectos**, Vol. I, pág. 161.

Certamente estas poucas passagens referentes à primeira epístola de Paulo aos Coríntios não podem ser consideradas como comentário ao texto sagrado. São antes aplicações práticas a situações particulares que existiram no tempo da Irmã White. Além disso, é interessante notar que cada uma dessas aplicações é feita da mesma maneira que Paulo as fez: isto é, para rectificar o erro, denunciar o abuso, condenar certas práticas, no espírito de «faça-se tudo para edificação» (I Cor. 14:26). É particularmente significativo notar que a Irmã White empregou a expressão «falar em língua» no singular — sistematicamente traduzida na sua versão preferida da Bíblia como «língua desconhecida» — para denunciar a maneira espúria de falar em língua — isto é, falar extaticamente.

Seja como for, estas poucas citações lançam suficiente luz sobre este problema difícil para indicar a posição tomada pela Irmã White. Para ela, havia um dom genuíno de línguas, permitindo a pregação do evangelho em todas as línguas da terra, com a finalidade de cada um poder ouvir e compreender na sua própria língua. Mas, para ela, existia igualmente uma contrafacção do dom verdadeiro. Nos tempos primitivos do Movimento Adventista, ela foi testemunha ocular de certas demonstrações extáticas de falar numa língua estranha, e sentiu-se imediatamente inspirada a denunciá-las e depois a combater contra elas, em cumprimento de revelações que lhe foram dadas pelo Senhor.

Falar Extático na Igreja Adventista Primitiva

Numa série de sete artigos que apareceram na **Review and Herald**, de 15 de Março a 26 de Abril de 1973, o Irmão Artur White regista várias experiências extáticas tal como ocorreram nas primeiras comunidades adventistas. Descreveu em particular a atitude da Irmã White em face dessas manifestações, lembrando a instrução que ela deu sobre o assunto e o papel que desempenhou em pôr em guarda contra o desenvolvi-

mento de exercício espúrios. É a esses artigos que devemos o conhecimento dos factos essenciais que se seguem.

Para compreender o aparecimento das manifestações extáticas na igreja adventista primitiva, mesmo nos primeiros anos da sua existência, devemos lembrar-nos de que o falar em língua estranha estava largamente espalhado em círculos evangélicos durante os anos de 1830 a 1840. Numerosos grupos religiosos saídos da Reforma tinham experimentado esse fenómeno: os Anabaptistas, os Huguenotes, os Quacres, os Metodistas, os Irmãos Morávios, os Mórmons e até os Jansenistas. Portanto, nada há de admirar no facto de certas almas especialmente zelosas haverem introduzido esta espécie de manifestações nas primeiras comunidades adventistas. Várias dessas experiências foram fielmente relatadas em testemunhos confidenciais e algumas foram até objecto de artigos que apareceram na **Present Truth** e na **Review and Herald**.

O documento mais antigo que possuímos relatando uma demonstração extática de falar em língua em círculos adventistas descreve o acontecimento nestes termos: «Podemos também testemunhar sobre a manifestação do dom de línguas. Foi durante uma reunião em North Paris, no Maine, cremos que no ano de 1847 ou 1848. Era uma reunião geral. O Irmão e a Irmã White estavam presentes, também o Irmão Ralph e Chamberlain, de Connecticut, e outros. Enquanto a reunião estava decorrendo, o Espírito de Deus manifestou-se duma maneira especial. O Irmão Ralph falou numa língua desconhecida. A sua mensagem dirigia-se ao Irmão J. N. Andrews — que o Senhor o havia chamado para trabalhar no ministério evangélico e ele devia preparar-se para isso. O Irmão E. L. H. Chamberlain levantou-se imediatamente e interpretou o que tinha sido dito.» — Arquivo de documentos do White Estate, N.º 311.

Uma experiência semelhante foi relatada pelo Irmão Hiram Edson, um homem de confiança na Igreja primitiva e o primeiro a ter compreendido o sentido da visão dos 2300 dias. Como testemunha da cena, escreveu: «Deus demonstrou o Seu convincente poder e o Irmão Ralph falou numa língua e deu a interpretação em poder, e na demonstração do Espírito Santo.» O mesmo artigo, publicado na **Present Truth** de Dezembro de 1849, apresenta certos pormenores duma visão recebida pela Irmã White sobre o mesmo assunto que enchia o Irmão Ralph de ansiosa preocupação. No entanto, no que respeita a manifestação de falar em língua desconhecida, a Irmã White manteve-se não convencida.

Posteriormente, James White publicou uma carta da Irmã F. M. Shimper na **Review and Herald**, de 18 de Agosto de 1851. O seu relato é significativo, na medida em que o que estava a passar-se na pequena igreja de East Bethel,

Vermont, acontecia também noutros grupos. Ela escrevia: «Recentemente o Senhor enviou-nos o Seu servo Irmão Holt e abençoou abundantemente a sua actividade. Depois de haver baptizado seis dentre nós, o nosso querido Irmão Morse foi separado, pela imposição das mãos, para a administração das ordenanças da casa de Deus. O Espírito Santo testemunhou pelo dom de línguas e por solenes manifestações da presença e do poder de Deus. O local era terrível, no entanto glorioso. Sentimos verdadeiramente que 'nunca o vimos desta maneira'.»

Enquanto se multiplicavam manifestações desta natureza e os fiéis as consideravam autênticas manifestações do Espírito de Deus, a Irmã White recebeu instrução definida sobre o assunto, numa visão dada em 24 de Dezembro de 1850. «Eu vi», relatou ela, «que os exercícios estavam em grande perigo de ser adulterados, e a anterior opinião e conhecimento deles dirigindo de certo modo o seu exercício, pelo que não se podia ter confiança implícita em tais exercícios... Vi que devíamos lutar em todo o tempo por estar livres de excitação doentia e desnecessária. Vi que havia grande perigo de deixar a palavra de Deus e descansar e confiar em exercícios. Vi que Deus tinha agido pelo Seu Espírito no vosso grupo nalguns dos seus exercícios e actividades, mas vi perigo no futuro... A palavra de Deus deve ser estritamente seguida e mostrada ao povo de Deus.» — Manuscrito 11, 1850.

Estas instruções constituíram a primeira advertência contra experiências extáticas em geral, que a Irmã White designava por «exercícios», compreendendo entre outras coisas demonstrações barulhentas, orações gritadas, prostrações físicas, e, naturalmente, falar em língua desconhecida. É contrário à Palavra de Deus que seja esta a maneira de progredir na nossa experiência espiritual. O Espírito de Profecia recomenda em vez disso que a Palavra de Deus constitua por si só o critério perfeito da verdade. Por ela todos podem discernir entre o que é nascido do Espírito de Deus e o que provém doutro espírito.

Uma Experiência Decisiva

A experiência que permitiu aos nossos pioneiros ver mais claro no assunto de falar em língua desconhecida teve lugar em relação com o desenvolvimento dum ponto de doutrina tão importante como o do início do Sábado. Durante dez anos, de 1846 a 1855, os nossos pioneiros estiveram divididos sobre esse ponto, e certas revelações extáticas contribuíram para os manter no erro.

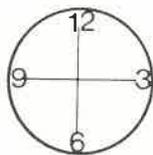
Sabe-se bem como a verdade do Sábado foi introduzida na igreja adventista por José Bates em 1848. Seis ou sete meses mais tarde, este ponto de doutrina fundamental foi confirmado por uma visão dada a Ellen White, cujos pormenores

temos relatados em **Primeiros Escritos**, págs. 32-35. No entanto, a questão da hora do início e do fim do Sábado continuou a ser ponto de discussão. Conhecendo os problemas da marcação do tempo nas diferentes partes do mundo, José Bates, antigo capitão de marinha, achou que se deviam regular pela «hora equatorial», fixando o início e o fim do Sábado às seis horas da tarde. Mas a solução nunca foi satisfatória para todos os crentes.

Em 1848 alguns adventistas observadores do Sábado no Maine decidiram guardar o Sábado de um nascer do Sol até outro nascer do Sol, atendendo à letra do que liam em Mateus 28:1: «E, no fim do sábado, quando já desapontava o primeiro dia da semana». Este engano foi esclarecido quando Ellen White teve uma visão na qual ouviu o anjo repetir Lev. 23:32: «De uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado.»

Por ocasião duma reunião em Connecticut, enquanto alguns adventistas discutiam este assunto, ocorreu uma experiência de línguas, que James White relatou numa carta datada de 2 de Julho de 1848, da maneira seguinte: «Tem havido alguma divisão no tocante à hora do início do Sábado. Alguns começavam ao pôr do Sol. A maioria, no entanto, às 6 horas da tarde. Fez no Sábado oito dias fizemos disto um assunto de oração. O Espírito Santo desceu, o Irmão Chamberlain foi cheio de poder. Nesse estado, gritou numa língua desconhecida. Seguiu-se a interpretação que era a seguinte: 'Dêem-me o giz, dêem-me o giz!'

«Bom, pensei eu, se não houver nenhum giz nesta casa tenho que duvidar deste assunto; mas num momento um irmão apresentou um bom pedaço de giz. O Irmão Chamberlain pegou nele e, tomado pelo poder, desenhou uma figura no



chão. «Isto representa as palavras de Jesus: 'Não há doze horas no dia?' Esta figura representa o dia ou a última metade do dia. Já passou metade da luz do dia quando o Sol se situa ao sul ou a meio caminho entre os dois horizontes, às 12 horas. Agora andemos seis horas para cada lado e teremos o dia de doze horas. Em qualquer época do ano o dia termina às 6 horas da tarde. É por isso que o Sábado começa às 6 da tarde. Satanás desejaria afastar-nos dessa hora. Mas mantenhamo-nos firmes no Sábado como Deus no-lo deu e o Irmão Bates.»

Como se pode imaginar, esta experiência exerceu considerável influência na jovem igreja, pri-

meiro no que diz respeito ao ponto de doutrina em controvérsia e depois no tocante ao valor de falar numa língua desconhecida. James White, ele próprio inicialmente céptico, acabou por aceitar a declaração do Irmão Chamberlain como uma revelação de Deus. Todos acreditavam que a questão do Sábado estava definitivamente resolvida, e a maioria dos adventistas continuou a guardar o Sábado das seis horas da tarde de Sexta-feira até às seis horas do Sábado. Quanto às manifestações extáticas, isto serviu como forte prova da sua autenticidade e não deixou de aumentar o desejo de muitos dos primeiros adventistas por uma demonstração extraordinária do Espírito de Deus. Nessa mesma altura a Irmã White teve a sua visão de 24 de Dezembro de 1850, na qual o Senhor deu a primeira advertência contra aquela espécie de exercício espiritual e o conselho de ir à Palavra de Deus para saber a Sua vontade.

Foi o que de facto se fez quando o problema concernente ao início do Sábado voltou a aparecer em 1855. James White escreveu sobre o assunto estas palavras: «Nunca estivemos inteiramente satisfeitos com o testemunho apresentado a favor das seis horas... O assunto tem-nos preocupado, no entanto nunca encontramos o tempo necessário para o investigar completamente.» — **Review and Herald**, 4 de Dezembro de 1855. Isto levou James White a insistir com J. N. Andrews para que empreendesse um estudo sistemático das Escrituras para resolver a questão. O irmão Andrews apresentou as suas conclusões numa conferência em Battle Creek, em Novembro de 1855.

Baseando as suas conclusões sobre nove textos do Antigo Testamento e dois do Novo, J. N. Andrews apresentou a evidência de que o Sábado devia começar ao pôr do Sol — não sempre às seis horas. A maioria dos presentes aceitou a sua apresentação, mas a decisão não foi inteiramente unânime. José Bates, o membro mais velho do grupo de pioneiros e apóstolo da verdade do Sábado, manteve-se fiel à sua anterior maneira de ver. Até a Irmã White perguntou porque seria necessário modificar a maneira que tinham de guardar o Sábado, uma vez que o tinham observado daquele modo durante dez anos. Havia pois uma brecha, mas antes do fim da conferência a Irmã White teve uma visão na qual lhe foi claramente demonstrado que o Sábado começava ao pôr do Sol. Entre outras coisas, o anjo disse-lhe: «Tomai a Palavra de Deus, lede-a, entendei, e não podereis errar. Lede cuidadosamente, e ali encontrareis o que é o anoitecer, e quando é.» — **Testimonies**, Vol. I, pág. 116.

Daí em diante o problema do início do Sábado ficou definitivamente resolvido; e ao mesmo tempo provou-se que o Espírito de Deus não tinha falado por intermédio do Irmão Chamberlain, como haviam acreditado depois da experiência de 1848.

Também, daquele momento em diante a Irmã White intensificou as suas advertências contra as manifestações extáticas em geral e contra o falar em língua desconhecida em particular, explicando que, por um lado, a maneira de pensar e os sentimentos duma pessoa tem uma função importante nessas experiências e que, por outro lado, o espírito do grande enganador sabe exactamente quando aproveitar essas situações para desencaminhar os mais sinceros.

Falsificações Desmascaradas

A seguir a isto, a Irmã White teve que desmascarar publicamente ou em particular o engano de certas pessoas que passavam por ser profetas sob o pretexto de falarem numa língua desconhecida. Um exemplo destes foi o caso duma mulher duma pequena comunidade de Michigan a quem a serva do Senhor vira anteriormente em visão e acerca de quem tinha escrito: «Essa mulher professa falar em línguas, mas está enganada. Ela não fala a língua que diz falar. Na verdade, ela não fala nenhuma língua. Se todas as nações da terra estivessem reunidas e a ouvissem falar, nenhuma saberia o que ela diz, porque ela apenas repete uma porção de algaraviada sem sentido.» — **Review and Herald**, 10 de Junho de 1884.

Pouco tempo depois, o Irmão Loughborough teve oportunidade de ouvir falar essa mulher numa reunião; teve o cuidado de anotar alguns dos sons do seu palavreado: «Kene kení, kene keno, kene kenen,» etc. No dia seguinte, quando ela voltou outra vez a falar no que dizia ser uma língua índia, perguntaram a um jovem índio presente o que ela estava a dizer. Ele respondeu: «Nada, ela não fala índio nenhum.» Alguns dias mais tarde esta experiência repetiu-se na presença dum intérprete índio que conhecia 17 línguas índias. Depois de a ouvir, ele fez a mesma afirmação — que ela não tinha proferido uma única palavra índia.

É impossível rever cada uma das experiências que a Irmã White e os nossos pioneiros tiveram, mas mencionemos uma que aconteceu em Portland, Maine. Objecto da mais solene advertência dada pela Irmã White a este respeito, essa experiência foi relatada em pormenor na **Review and Herald** de 18 de Março de 1865. Durante anos o trabalho tinha estado em perigo na igreja de Portland, uma das mais antigas comunidades adventistas, porque certos elementos fanáticos se tinham apaixonadamente apegado a experiências extáticas e particularmente ao falar em línguas. Sob a direcção de S. C. Hancock, todo um grupo de membros da igreja «falava em línguas, dançava no Espírito, e nadava no Espírito.» Estas estranhas acções acabaram por aborrecer a Irmã Parker, a quem devemos os pormenores desta experiência. Escreveu ela: «Uni-me completamente àquele movimento e recebi em pouco

tempo o que então realmente acreditei ser o 'dom de línguas'... até há cerca de seis meses, quando na minha mente se levantaram dúvidas quanto à sua genuinidade, em virtude de por vezes acontecerem algumas coisas que me pareciam muito estranhas. Ouvia nas 'línguas' coisas nas quais eu não tinha nenhuma confiança, e depois de ver os resultados, mais abalada ficava na minha posição.»

Quando ouviu o que estava a acontecer em Portland, a Irmã White não deixou de intervir. As instruções dadas nessa ocasião encontram-se em **Testemunhos Selectos**, Vol. I, sob o título «Falsificados Dons do Espírito» (pág. 161). Eis algumas das passagens mais significativas: «Algumas dessas pessoas têm formas de culto a que chamam dons, e dizem que o Senhor os pôs na igreja. **Têm uma algaravia sem sentido a que chamam língua desconhecida, desconhecida não só ao homem, mas ao Senhor e a todo o Céu. Tais dons são manufacturados por homens e mulheres ajudados pelo grande enganador.** O fanatismo, a falsa excitação, o falso falar línguas, e os cultos ruidosos, têm sido considerados dons postos na igreja por Deus. **Alguns têm sido iludidos a esse respeito...** 'Pelos seus frutos os conhecereis.'...»

«**Algumas pessoas não se satisfazem com uma reunião, a menos que experimentem momentos de poder e de gozo. Esforçam-se por isto, e chegam a uma excitação dos sentimentos. A influência dessas reuniões, porém, não é benéfica.** Ao passar o feliz arroubo do sentimento, essas pessoas imergem mais fundo que antes da reunião, pois sua satisfação não proveio da devida fonte. **As mais proveitosas reuniões para o bem espiritual, são as que se caracterizam pela solenidade e o profundo exame do coração, cada um se procurando conhecer a si mesmo e, com sinceridade e profunda humildade, buscando aprender de Cristo.**» — **Testemunhos Selectos**, Vol. I pág. 161.

«Há estrelas errantes que professam serem ministros enviados por Deus, os quais andam pregando o sábado de lugar em lugar, **mas que têm a verdade misturada com o erro,** e estão lançando ao povo a massa dos seus discordantes pontos de vista. Satanás os empurrou para dentro a fim de causar desagrado aos inteligentes e judiciosos que não são membros. Alguns desses têm muito a dizer sobre os dons, e são muitas vezes especialmente agitados. **Entregam-se a sentimentos desordenados e excitados, e produzem sons ininteligíveis, a que chamam o dom de línguas, e certa classe parece encantada com essas estranhas manifestações.** Reina entre essa classe um espírito estranho, que derribaria e passaria por cima de quem quer que os reprovasse. **O Espírito de Deus não está nessa obra e não acompanha a tais obreiros.** Eles têm outro espírito.» — **Ibidem**, pág. 163.

«Alguns desses professam possuir os dons entre eles; mas são levados, mediante a influência e os ensinamentos desses dons, a pôr em dúvida

aqueles a quem Deus confiou o especial encargo de Sua obra, e a tirar uma classe de pessoas do corpo da igreja ... Alguns se regozijam e exultam em possuir os dons que os outros não têm. **Que Deus guarde Seu povo de tais dons.** — *Ibidem*, págs. 166, 167.

Juízo Inequivoco

As experiências da Irmã White e os conselhos que ela foi levada a dar em relação com as manifestações extáticas em geral e o falar em línguas em particular, não pararam aqui. Periodicamente, durante os 70 anos do seu ministério, ela teve de os dar a pessoas que fingida ou sinceramente acreditavam que tinham recebido o baptismo do Espírito, quando, na realidade, eram vítimas de outro espírito.

É verdade que durante os primeiros anos da história da nossa igreja, os próprios pioneiros acreditaram que podiam ter confiança em certos exercícios espirituais, tais como falar em línguas. Note-se, no entanto, que a Irmã White nunca recomendou essa espécie de manifestações, embora tivesse sido testemunha ocular das mesmas em diversas ocasiões. Na primeira dessas experiências o silêncio parece significativo, como o parece a sua atitude céptica em relação com as revelações do Irmão Ralph. Mas foi necessário aguardar certas manifestações espúrias para que a prova do erro fosse evidente. Desse modo se abriram os olhos da maioria e as experiências extáticas, tais como falar numa língua desconhecida, foram decididamente denunciadas. Deus julgou necessário que os primeiros adventistas passassem por essa experiência antes de poder adverti-los contra os enganos do grande adversário.

É esse exactamente o plano seguido pela serva do Senhor depois da sua visão de 24 de Dezembro de 1850. A sua firme posição contra o falar em línguas extáticas foi tomada depois da visão de 1855, a qual desmascarou a falsa doutrina nas revelações do Irmão Chamberlain em 1848 sobre um ponto de doutrina tão importante como o do início do Sábado. Desde essa altura, durante vários anos, Ellen White dirigiu uma inflexível luta contra todas as manifestações extáticas de falar em línguas desconhecidas. Além disso, «não é prova conclusiva», escreveu ela, «de que um homem é cristão o manifestar ele êxtases espirituais sob circunstâncias extraordinárias. Santidade não é arrebatamento: é inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial; é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor.» — **Actos dos Apóstolos**, pág. 51.

É interessante notar que em nenhuma ocasião a Irmã White estabeleceu qualquer conexão entre

falar numa língua desconhecida e o derramamento do Espírito. Embora em inúmeras ocasiões tivesse convidado os seus leitores a buscar o baptismo do Espírito Santo, não se pode encontrar qualquer afirmação sua que conduza a pensar que o Espírito de Deus seja a fonte da linguagem extática, nem sequer sob condições especiais. Na realidade, afirma o contrário de cada vez que se levanta o assunto. Neste ponto o Espírito de Profecia é inequívoco; portanto não deve restar nenhuma dúvida na mente que qualquer adventista do sétimo dia.

Em verdade, por intermédio dos preciosos conselhos do Espírito de Profecia, Deus deu à igreja remanescente tudo quanto ela precisa para desmascarar os enganos que tiver de enfrentar nos dias vindouros. Estas instruções devem-nos permitir avaliar rapidamente as manifestações extáticas do movimento carismático que abundam nos nossos dias, e fazê-lo com a certeza de quem sabe que tem razão! Além disso, à luz de tudo quanto o Senhor tem revelado sobre este assunto, devemos ser capazes de compreender em parte o significado profético dos acontecimentos religiosos a que hoje estamos assistindo.

Receita para um ANO NOVO feliz

(De **Meditações Matinais** para 1975)

Tomam-se doze maravilhosos meses completos, cuidando-se de que estejam completamente isentos de amargas lembranças do passado, ódio, rancor e ciúmes. Lavam-se por inteiro, de modo que pareçam frescos e limpos como quando saíram do grande armazém do tempo.

Divide-se cada um dos meses em 30 ou 31 partes iguais, excepto o segundo que se divide em 28 partes. Não se deve tentar amassar o ano todo de uma só vez (muitos prejudicam o petisco ao proceder assim), mas prepare-se um dia de cada vez, como segue:

Põe-se em cada dia doze partes de fé, onze de coragem, nove de trabalho (alguns omitem este ingrediente, e com isto prejudicam o sabor de todo o resto), oito de esperança, sete de lealdade, seis de liberalidade, cinco de bondade, quatro de descanso (deixar este fora seria como deixar o óleo fora da salada; não faça isto), três de oração, duas de meditação, e uma bem escolhida resolução. Acrescenta-se uma pitada de humor, borrija-se um pouco de entretenimento, e despeja-se um copo cheio de alegria.

Despeja-se na mistura amor à vontade e bate-se a massa com energia. Leva-se ao fogo do coração, enfeita-se com sorrisos e um raminho de prazer, e serve-se com tranquilidade, altruísmo e alegria, e FELIZ ANO NOVO!

NOTÍCIAS DO CAMPO

NOTÍCIAS DE VISEU

De Viseu enviamos notícias para que, apesar de afastada do litoral e encravada entre as Serras da Estrela e do Caramulo, suportando os rigores do Inverno e do Verão, saibais como vai esta igreja que, não sendo muito grande, tem, no entanto, uma vasta área de trabalho.

Os membros encontram-se dispersos por vários locais. Não só em Viseu, mas igualmente no Caramulo, em Castro Daire, em Lagares da Beira, em Ervedal de Beira, na Póvoa de S. Cosme, no Seixo da Beira e ainda noutros locais em que também há pessoas interessadas, é a Mensagem divulgada e alguns ouvem o Evangelho da Salvação. É do Seixo da Beira, a fotografia de um grupo de 4 pessoas que se baptizaram ultimamente. Na mesma fotografia está um jovem que deu o conhecimento da verdade a esses novos irmãos na fé.

Apesar da actividade aqui ser muito dispersa, procuramos fazer algo na própria cidade. E assim, no passado mês de Outubro, após vários pedidos feitos, foi possível trazer até cá o Pastor Benito Raymundo, para a realização de um Plano de 5 Dias. São desse acontecimento as restantes fotografias que acompanham o texto.

Ao serem feitos os planos para a realização do Curso, a primeira coisa que buscámos foi uma sala para que não fosse realizado na Igreja. Conseguimos essa sala, cedida pela Câmara Municipal de

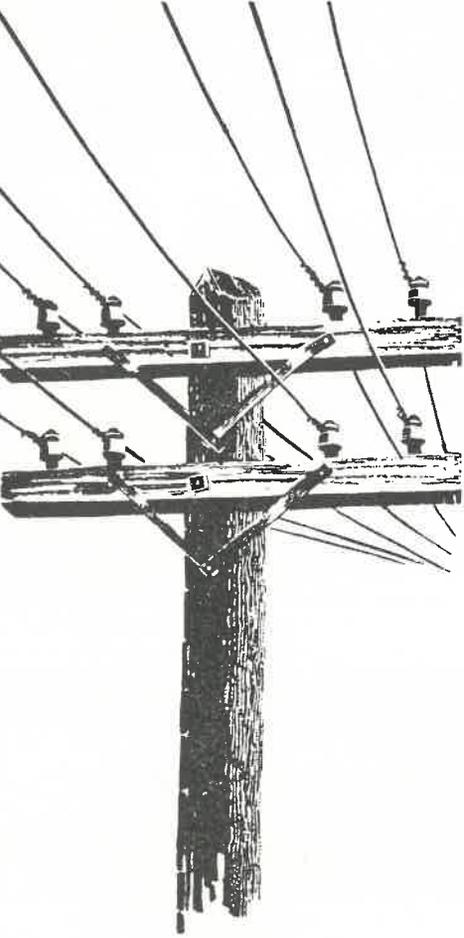
Viseu, no local da Feira de S. Mateus, num auditório com 500 lugares sentados e, cedida graciosamente.

Ao chegar ao local, confesso, fiquei quase acabrunhado. Num salão tão vasto, o que seria estarem meia dúzia de pessoas (pois em boa verdade, se tivessem vindo 50 pessoas, já ficaria muito satisfeito). Quando o Pastor Raymundo viu a sala, teve o mesmo pensamento. Porém não havia outro local e, era preciso aproveitar a oportunidade que se oferecia.

Tudo foi preparado: a sala limpa, arrumada, tanto quanto possível ornamentada, e foi aqui que os irmãos deram a sua colaboração bem efectiva, e no dia do início do programa, aguardámos.

Tinham sido espalhados cartazes pelas montras e paredes da cidade, distribuídos folhetos, a Emissora Nacional, através do emisor regional de Coimbra, deu a notícia, voltaria a falar do facto no último dia no noticiário das 13 horas, os jornais locais igualmente noticiaram o acontecimento, restava-nos aguardar e confiar no Senhor. Era aqui que se aplicava a afirmação: «Havendo feito tudo, ficai firmes.»

Pois bem, ao iniciar a primeira sessão do Curso, já tínhamos muito mais de 100 pessoas no salão e, embora não nos seja possível dizer exactamente o número máximo de assistentes, sabemos que esse número oscilou entre as 150 e as 200 pessoas. Tendo até numa noite, pelo menos, ultrapassado esse número.



Samuel Monnier e Peter Kunze

Nos passados dias 18 e 19 de Dezembro estiveram em Lisboa os Pastores Samuel F. Monnier e Peter Kunze, nas suas funções respectivamente de presidente e de secretário-tesoureiro da União Sul-Europeia, a fim de tomarem parte na reunião administrativa anual da Associação Portuguesa.

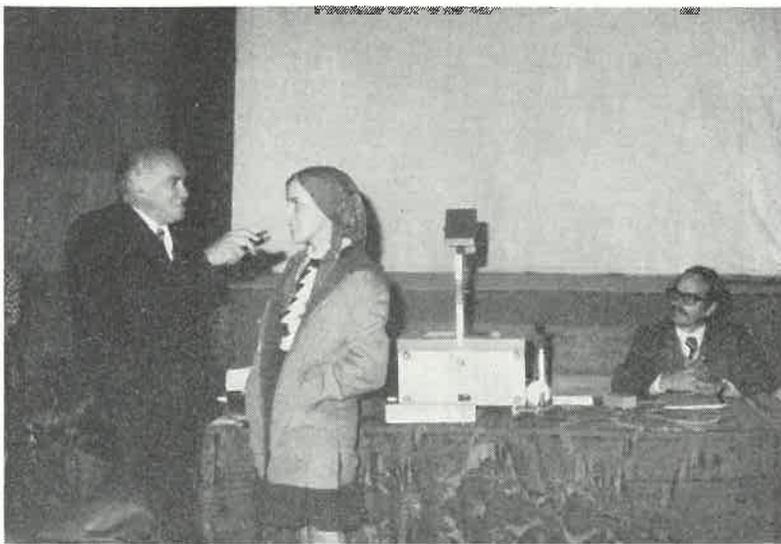
Janet Borgeson

Procedente dos Estados Unidos, esteve de passagem em Portugal, nos dias 6 e 7 de Janeiro, a Irmã Janet Borgeson, jovem que se dirigia a Angola, a fim de ali trabalhar durante dois anos como técnica de sala de operações no Hospital do Bongo, ao abrigo do plano do Serviço Voluntário Adventista.

David Sanguesa

Vindo de Roma, chegou a Lisboa, no dia 12 de Janeiro, o Pastor David Sanguesa, da União Sul-Europeia, com destino a Cabo Verde e Guiné, em missão de trabalho no interesse da obra de Publicações.





Foram 5 noites extraordinárias. Acompanhar a luta travada por essas pessoas e ajudá-las a alcançar a vitória, é simplesmente empolgante. Vimos homens que há muitos anos tentavam deixar o tabaco, sem o conseguir, virem ao nosso encontro, na rua, já depois do Curso concluído, para agradecer a ajuda dada. Vimos jovens (e ouvimos também) darem o seu testemunho público da vitória alcançada e da determinação de ser vitória para sempre (é esse o caso da jovem que a fotografia apresenta a ser entrevistada pelo irmão Benito Raymundo) vimos um senhor que, todas as noites, se deslocava de Castro Daire a Viseu, apenas para assistir ao Curso (80 Km. cada dia). Por tudo isto e muito mais que o espaço não permite aqui registar, foram, realmente, 5 dias extraordinários. Entre os próprios participantes era geral o desgosto de os 5 dias estarem no fim.

Tivemos ainda a presença de uma equipa de reportagem da R.T.P.

que fez várias entrevistas, quer a participantes, quer ao pastor Benito Raymundo. Pena foi que essa reportagem tivesse ido para o ar em hora tão tardia.

Numa entrevista havida com o Presidente da Câmara, este manifestou vontade que pudéssemos realizar outro Curso aqui, tendo-nos dito que estaria interessado em pôr à nossa disposição outra sala com melhores condições do que a que agora utilizámos.

Esperamos, realmente, que dentro de poucos meses, seja possível levar a efeito novo Plano de 5 Dias em Viseu. Várias pessoas têm dito que se tivessem sabido teriam ido. Tentem-lhe prometido novo Curso. Tentaremos tudo para o levar a efeito.

Após o Plano de 5 Dias, tivemos uma semana de reuniões com o irmão Raymundo. Reuniões em que a Mensagem do Senhor veio até à Igreja e nas quais nos sentimos em contacto com Deus. Foi

no fim dessa semana que se realizaram os baptismos já aludidos.

E findam aqui as notícias de Viseu. A temperatura ambiente, agora, é bastante baixa. Mas, apesar disso, os nossos corações estão quentes.

Que Deus nos encorage, a nós aqui e a vós aí, onde quer que nos estejais a ler, para sermos diligentes no anunciar da breve volta do nosso Salvador Jesus.

Pela Igreja de Viseu,

E. Graça

ALVALADE

Balço Geral das Actividades M. V.

No início de cada ano é habitual ver-se nos jornais o balanço geral das empresas do ano findo.

A Sociedade MV de Alvalade também gostaria de apresentar o seu modesto balanço geral, para que se saiba que a 2.ª Igreja de Lisboa, Alvalade, ainda não morreu, mas floresce agora com mais vida, fruto do trabalho dos seus membros e jovens. É deles que a seguir se vai falar:

Se nos lembramos ainda, fez-se a campanha de Evangelização por Jovens, mais conhecida por «A Voz da Mocidade»; as classes progressivas foram chamadas à actividade, onde se ensinou e aprendeu muita coisa engraçada e útil: com certeza se recordam dos semáforos com bandeiras no ginásio do Liceu Camões, quando do congresso das igrejas do sul; as reuniões de Jovens, sociais, saídas ao campo e outras actividades foram o grande íman para atrair mais jovens ao seio da igreja e, como é óbvio, não esqueçamos as tradicionais festas das Mães e do Natal. Por último, e a nível nacional, organizámos o I Encontro Adventista de Poesia M.V. que teve muito boa aceitação. Encerámos as actividades M. V. de 1974, precisamente no último dia do ano, com um culto de pôr-do-Sol e a respectiva merenda, ao dar entrada a um novo ano de actividades M.V. com mais amplos ideais. Desejamos que Deus permita e nos ajude a levá-los a bom fim.

Resultados positivos deste ano de trabalho: **Uma Classe Baptismal de vários jovens.**

Não haverá nomes a salientar, pois **todos, sem excepção**, colaboraram com o seu melhor saber e entusiasmo. No entanto há que distinguir uma pessoa que, não fora ela, nada do que foi relatado teria sido feito. Foi membro MV, director, conselheiro, etc. foi Jesus Cristo, o MV Modelo.

Soc. MV de Alvalade



Breves notícias da Divisão Euro-Africana

★ Recentemente, os estudantes da Escola Secundária de Marusevec decidiram levar a efeito uma «velada» de leitura da Bíblia, cobrindo todo o texto do Velho e do Novo Testamento. Deu-se antecipadamente a cada estudante uma porção para ler em voz alta, na capela, logo que chegasse a sua vez. Este programa durou 45 horas consecutivas, abrangendo quase dois dias e duas noites completas. Houve sempre vários estudantes presentes para ouvir a leitura em público.

★ De grande interesse para a Igreja da Áustria é a nova legislação que permite a objectores de consciência serem recrutados num ramo de caridade ou outro serviço governamental, em vez do serviço militar regular. A lei entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1975.

★ No último Concílio de Inverno em Berna, esteve presente uma vasta representação de delegados dos países socialistas. Havia três da Roménia, três da Jugoslávia, três da Checoslováquia, dois da Hungria e dois da República Democrática Alemã. Estiveram também presentes quatro visitantes dos Estados Unidos da América, nomeadamente F. W. Wernick, C. H. Lauda, V. M. Montalban e H. D. Singleton. Participaram também dos trabalhos três pastores africanos dos campos missionários, representando respectivamente Madagascar, os Camarões e Angola.

★ A primeira reunião do Concílio de Berna tomou a forma de um serviço de ordenação. O Pastor Arthur C. Vine, da Inglaterra, foi convidado para fazer o sermão especial. O seu filho Malcolm Vine, juntamente com Erich Amelung, tesoureiro da Divisão, foram ambos consagrados ao ministério, na presença de quarenta outros pastores.

★ Por ocasião das comemorações do 800.º aniversário da Comunidade Valdense, em Torre Pellice, na Itália, um ministro adventista, o Pastor Robert Bertalot, descendente de um dos primeiros

adventistas na Europa, marchou à frente de um grupo de jovens franceses da sua igreja, fazendo o percurso da famosa marcha histórica que Henri Arnaud havia feito em 1689, juntamente com mil exilados valdentes, desde Nyon no Lago de Genebra. Os seis peregrinos completaram a sua marcha de quase 300 quilómetros em 11 dias, e chegaram no dia do aniversário, 15 de Agosto, sob os aplausos da multidão reunida em Torre Pellice para as celebrações valdenses.

★ Durante um longo fim-de-semana, de 1 de Outubro a 3 de Novembro, cerca duma centena de jovens adventistas do sétimo dia, estudantes de universidades em França, estiveram reunidos em convívio social e espiritual. O tema da convenção foi «Vida Espiritual» e houve cinco oradores convidados para tratar dos diferentes aspectos daquele tópico. Organizou-se uma associação estudantil com estatutos legais, de maneira a possibilitar um melhor contacto entre as diversas sociedades de adventistas universitários já existentes.

★ No Domingo, 20 de Outubro, foram oficialmente inaugurados os novos edifícios da escola de Sagunto, Espanha. Este seminário tem características acentuadamente internacionais, pois o seu corpo discente compõe-se de 38 espanhóis, 12 norte-americanos, 4 portugueses, 3 franceses, um mexicano, um holandês, um suíço, um canadense e um cidadão das Antilhas Holandesas. O Pastor Ernesto Ferreira, durante muitos anos presidente do campo português, é actualmente o director do departamento teológico do Seminário de Sagunto.

★ Foi encontrado o local apropriado para o esforço evangelístico de Arturo Schmidt em Valência, Espanha. Procura-se agora obter a autorização para ali erguer a tenda gigante onde se realizarão as conferências. Os membros da igreja daquela cidade estão instruídos e preparados para fazer a sua parte no testemunho pessoal e dando estudos bíblicos.